



UM GESTO DE LEITURA SOBRE OS PROCESSOS TECNO(IDEO)LÓGICOS QUE ATRAVESSAM A PRODUÇÃO/CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS NAS REDES

Lisiane Schuster Gobatto¹

Entender como funcionam e como se dão os processos discursivos no jornalismo em tempos de redes sociais e algoritmos mobilizou a proposta deste trabalho na 10ª edição do SEAD, em 2021. Trago, aqui, um recorte da minha pesquisa de doutorado em andamento, cuja finalidade é pensar sobre a produção/circulação de discursos no *Facebook* durante as eleições presidenciais de 2018. Interessa observar o engajamento dos usuários da rede em *fanpages* que tratam de política, seja de veículos da grande imprensa, da chamada mídia alternativa, dos candidatos e ou de movimentos e organizações, em condições de produção que foram profundamente afetadas pelo espaço digital.

O filósofo Byung-Chul Han (2018, p. 117), na obra *No enxame: perspectivas do digital* comenta que “o botão de curtir é a cédula eleitoral digital. A internet ou o smartphone são o novo local de eleição. E o clique do mouse ou um rápido toque com o dedo substitui o discurso”. Dessa forma, o *feed* de notícias é o jornal diário. A *timeline* é a rua. E esse efeito de evidência encobre o funcionamento ideológico dos processos de identificação nas redes e encobre o fato de que são os algoritmos que determinam o que vemos em nosso *feed*.

Somos estimulados o tempo todo a compartilhar nossa vida nas redes e, assim, fornecer informações que gerarão lucros e reverterão em anúncios personalizados impulsionados algoritmicamente, o que Shoshana Zuboff (2018) chama de ciência de Big Data. A autora designa como capitalismo de vigilância “essa nova forma de capitalismo de informação procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado” (ZUBOFF, 2018, p. 18).

No capitalismo de vigilância, o poder e o controle não são mais centralizados. “Se o poder já foi uma vez identificado com a propriedade dos meios de produção, agora ele é identificado com a propriedade dos meios de modificação comportamental” (ZUBOFF, 2018, p. 45). Eu diria que os meios de modificação comportamental são, também, meios de produção que se transformaram com a era da internet

Pode-se dizer que o aparelho ideológico da informação na contemporaneidade está entrelaçado ao funcionamento dos algoritmos. Especialmente porque um veículo de informação dificilmente consegue sobreviver longe das redes sociais. É através das redes que a maioria dos conteúdos chega à população. E as redes funcionam por meio de algoritmos num emaranhado tecno(ideo)lógico que determina o que cada um vê ou deixa de ver.

¹ Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS). Mestre em Letras e graduada em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Jornalista no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Sertão.

MANCHETÔMETRO E O RANKING DE *POSTS* RELACIONADOS À POLÍTICA

Ao buscar por *posts* publicados por veículos jornalísticos no *Facebook* durante as eleições de 2018, percebi que as postagens tinham um número relativamente baixo de curtidas, comentários ou compartilhamentos. Isso despertou minha curiosidade para saber quais *posts* no mesmo período haviam registrado maior interação. Essa busca me levou a um projeto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro chamado *Manchetômetro*, o qual faz o ranking semanal dos *posts* relacionados à política com mais interação no *Facebook*. Para este trabalho, trago dois *posts* do ranking publicados em momentos distintos: na última semana da campanha eleitoral e na semana em que ocorreu a prisão de Lula.



Fonte: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/320155795237366>

De acordo com o ranking do *Manchetômetro*, o *post* com mais interação na última semana da campanha eleitoral para a presidência da República em 2018 foi de uma *live* realizada por Jair Bolsonaro. A página do então candidato manteve-se na liderança do volume de compartilhamentos durante todo o segundo turno e, na semana anterior a votação, ocupou 13 posições no ranking, sendo os vídeos e *lives* a maioria dos *posts*.

Já na semana da prisão de Lula (cuja data é 7 de abril de 2018), o *post* que teve mais interação foi o de uma foto do juiz Sérgio Moro seguida do enunciado “Obrigado, Moro!” publicado pela *fanpage Vem pra Rua Brasil*.



Fonte: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/320155795237366>

Na mesma semana, a página *Vem Pra Rua Brasil* emplacou oito *posts* na lista. Conforme o *Manchetômetro*, nenhuma outra página predominou de tal forma no ranking desde que o projeto iniciou o monitoramento. O *Manchetômetro* acredita que “esse fato pode ser uma evidência de que o grupo se utiliza de aplicativos que burlam o algoritmo do *Facebook* para potencializar o número de compartilhamentos”. Sabemos que nas redes os conteúdos são impulsionados por *bots*, os robôs digitais, por essa razão, o *Manchetômetro* levanta uma questão que é determinante para a produção/circulação de conteúdos nas redes: o funcionamento dos algoritmos e os processos ideológicos “subterrâneos” que o determinam.

Por conta do efeito de automaticidade dos algoritmos, os programadores e executivos das empresas de mídia digital querem nos convencer de que nossos cliques nos direcionam exatamente para nossos interesses, embora não seja bem assim. Conforme o pesquisador Vitor Pequeno (2020, p. 270)

No imaginário do programador, as provisões necessárias para respeitar as realidades institucionais de cada lugar estariam dadas pelo poder de circulação dos próprios discursos institucionais. Ou seja: que, por exemplo, os usuários buscando notícias continuariam as recebendo de jornais reputáveis pela simples razão matemática de páginas que os citam. E, entretanto, não foi esse o resultado desses sistemas automatizados de produção de arquivo.

Existe algo aí funcionando na produção/circulação dos discursos nas redes que faz com que as informações jornalísticas estejam perdendo espaço para o discurso de páginas de movimentos difusos e para o discurso dos próprios políticos.

Não conhecemos os fluxos de informação dessas redes e o funcionamento dos algoritmos não é nada transparente, embora carregue um pré-construído de automaticidade, de neutralidade, herdado das tradições científicas. Se a aventura de Pêcheux com a maquinaria discursiva em 1969 tendeu a considerar “[...] a informática como prótese da leitura, máquina de lavar dos textos, ou aparelho de raio X!” (PÊCHEUX, [1981] 2012, p. 282), hoje as questões lançadas sobre a maquinaria algorítmica se referem à sua opacidade.

Por isso mesmo, em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux reformula as questões levantadas na AAD 69. Ao tratar das relações de força na produção dos discursos, Pêcheux percebe que a maquinaria não era autônoma e fechada em si mesma e que não produz nem interpreta discursos. Quem faz isso são os sujeitos. E, sobretudo, que “as questões e as interpretações de um leitor não são suscetíveis de cálculo” (MARANDIN; PÊCHEUX, [1984] 2020, p. 113).

Essa ideia de máquina com uma linguagem própria, livre de ideologias, é apenas efeito de sentido baseado nas projeções imaginárias que os sujeitos fazem das máquinas.

SOBRE OS PROCESSOS TECNO(IDEO)LÓGICOS “SUBTERRÂNEOS”

Para tentar compreender como os algoritmos criam e determinam o *feed* de notícias, busquei publicações do *Facebook* que tratam sobre o funcionamento do *feed*. Dentre todos os textos com os quais me deparei, principalmente na Central de Ajuda e nos Termos de Uso da rede social, a repetibilidade da expressão “classificação” chamou atenção. O *Facebook* chama de “classificação” o processo que constitui o *feed* de notícias.

O que influencia a ordem das publicações em meu Feed de Notícias do Facebook?

Para ajudar a conectar as pessoas às publicações que mais lhes interessam, usamos um processo chamado classificação. A classificação no Feed de Notícias cria um fluxo personalizado e diversificado de publicações de pessoas, fontes de notícias, empresas e comunidades às quais você está conectado no Facebook.

O que influencia a classificação

Alguns fatores influenciam a classificação mais do que outros. Os mais importantes incluem:

- A frequência com que você interage com publicações de amigos, grupos ou Páginas (amigos e familiares têm prioridade).
- Se o tipo de publicação é algo com o qual você interage frequentemente (por exemplo, foto, vídeo ou link).
- O número de comentários, curtidas, reações e compartilhamentos que uma publicação recebeu das pessoas e das Páginas que a viram. Essas publicações são aquelas compartilhadas por amigos, grupos ou Páginas que você segue.
- Quanto tempo faz que algo foi publicado.

Alguns fatores têm menos influência sobre o que você vê. Podemos levar em conta sinais como a velocidade da sua conexão à internet no momento ou qual tipo de telefone você está usando (já que isso pode afetar o tempo para carregar as publicações em seu Feed de Notícias). Os pontos citados são apenas alguns dos milhares que podem ser considerados para a classificação no Feed de Notícias. Saiba mais sobre [como funciona a classificação personalizada do Feed de Notícias](#).

Fonte: <https://www.facebook.com/help/520348825116417>

Acontece que o processo de classificação não é explicado e sabe-se que é feito algorítmicamente. A tal classificação tem relação direta com o que chega ou não chega à *timeline* dos usuários.

No dicionário, classificação é referida como divisão, distribuição. “Classificação” abre espaço para pensar no processo de designação. Na designação, a relação que interessa não é a estabelecida com o objeto designado, mas com a exterioridade, com seus sentidos em circulação. Assim, “[...] quando se pensa o problema da designação, o que interessa é a relação dessa expressão com alguma coisa no mundo. A designação não classifica, e sim identifica [...]” (CAZARIN, 2004, p. 227).

A designação “classificação”, dessa maneira, determina discursivamente tanto a ação dos algoritmos na constituição do *feed* de notícias, quanto o próprio funcionamento da ideologia na programação dos algoritmos, pois, se o algoritmo classifica algo, é porque foi programado por um sujeito para classificar dessa maneira.

Conforme a rede social, alguns fatores influenciam a classificação mais do que outros, como a frequência de interação, o tipo de publicação com que mais um usuário interage, o número de interações de um *post* (comentários, curtidas, compartilhamentos) e o tempo em que algo foi publicado. Esses fatores determinam um processo de repetibilidade e retroalimentação: *posts* impulsionados pelas milícias digitais são classificados como relevantes e aparecem mais nos *feeds* de notícia, configurando aquilo que Eli Pariser (2012) chama de bolha dos filtros.

Pêcheux fala da existência de “[...] clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes, ou mesmo contraditórias de ler o arquivo” (PÊCHEUX, 2014, p. 59, grifo do autor). As “clivagens subterrâneas” que permeiam o funcionamento dos algoritmos são a grande interrogação sobre o debate informático hoje, cujo risco é tomar os procedimentos de construção do arquivo como neutros e automáticos.

As clivagens subterrâneas são condição de existência e funcionamento dos algoritmos. São os algoritmos que determinam o que aparece no *feed* de notícias dos usuários, mas os sujeitos não se dão conta de que outros sujeitos desenvolveram uma programação anterior que definiu como deve ocorrer o processo de modulação algorítmica. E, se era a mídia que gerenciava a divisão social do trabalho de leitura dos arquivos dos acontecimentos jornalísticos, hoje, nas redes a mídia também é gerenciada pelos algoritmos. Ao menos, foi o que aconteceu nas eleições de 2018 se observarmos o levantamento feito pelo *Manchetômetro* e considerarmos que não houve debates entre os presidenciáveis no segundo turno e que as discussões aconteceram predominantemente nas redes.

A internet, que em seu surgimento trouxe a promessa de democratização do acesso à comunicação, agora é acusada de fechar os indivíduos em bolhas por meio de algoritmos programados mercadologicamente por grandes corporações. Ou seja, se tornou um risco à própria democracia na medida em que as redes sociais digitais transformam a forma de fazer e de falar sobre política e reconfiguram o modo de produção/circulação dos discursos.

REFERÊNCIAS

CAZARIN, Ercília Ana. **Identificação e representação política**: uma análise do discurso de Lula (1978-1998). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5521/000427421.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 fev. 2014.

- HAN, Byung-Chul. **No exame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel. Informática e Análise do discurso. *In*: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, [1984] 2020. p. 111-115.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Trad. de Betânia Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 1993. p. 61-87.
- PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso e Informática. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1981] 2012. p. 275-282.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni *et al.* (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, [1982]2014.
- PEQUENO, Vitor. **Tecnologia e esquecimento**: uma crítica a representações universais de linguagem. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. Tradução: Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz e Bruno Cardoso. *In*: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.